

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Atena
Editora
Ano 2020

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Novas possibilidades rumo ao futuro das ciências humanas e suas tecnologias 2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N936 Novas possibilidades rumo ao futuro das ciências humanas e suas tecnologias 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-378-1

DOI 10.22533/at.ed.781200909

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
2. Tecnologias. I. Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Vivemos um mundo de velocidade e transformações. Algumas são pequenas e cotidianas, mas seus impactos são amplos. Como um celular, que hoje nos conecta a todo momento do dia, por exemplo. Ou a realidade da globalização da cultura e dos problemas sociais.

Existe uma relação direta entre os espaços de produção do conhecimento nas ciências humanas e a constituição de uma racionalidade científica sobre a realidade social, seus problemas e espaços. É ponto pacífico, pela própria fluidez de nossa relação com o tempo e com o “estudo dos homens no tempo”, para usar uma expressão de Marc Bloch (2002, p. 55), que o conhecimento e a racionalidade não têm uma natureza linear e única, mas antes têm como base uma multiplicidade de possibilidades. Isso porque, nossa relação com o conhecimento é fundada na proximidade constante de experiências, na compreensão que são as questões do presente o grande títere do passado enquanto um espaço gerador de sentido para as diferentes vivências. Esse dinamismo inerente ao saber histórico traz consigo a multiplicidade de narrativas e construções presentes e ativas na sociedade.

Assim, na reflexão sobre o conhecimento, sua natureza e o espaço que ocupa em sociedade há um espaço importante a ser ocupado: o espaço de “auto-reflexão, como retorno ao processo cognitivo de um sujeito cognoscente que se reconhece reflexivamente nos objetos de seu conhecimento, suas fontes, suas possibilidades e suas tecnologias. Assim, as transformações e velocidades do mundo, dos objetos e do real, também dialogam com a produção da pesquisa, do trabalho com as fontes e as possibilidades de conhecimento que se abrem e se apresentam.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O IMPACTO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA IDENTIDADE DOCENTE	
Bárbara Regina Gonçalves Vaz	
DOI 10.22533/at.ed.7812009091	
CAPÍTULO 2	15
PORQUE INCLUIR O QUE ESTÁ FORA DOS CONTEÚDOS DISCIPLINARES? ESTAMOS FALANDO DE MÚSICA!	
Flavia de Oliveira Barreto	
Fleudya Benigno Lopes Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.7812009092	
CAPÍTULO 3	28
A INFLUÊNCIA DAS <i>SELFIES</i> NO PROCESSO IDENTITÁRIO DE JOVENS E ADOLESCENTES EM UMA ESCOLA DE PORTÃO / RS	
Daiane Fontes	
Jaqueline da Silva Torres Cardoso	
Sandra Maria Costa dos Passos Colling	
DOI 10.22533/at.ed.7812009093	
CAPÍTULO 4	40
PERFIL SOCIAL E PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA EM UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL DE URUÇUI - PIAUÍ	
Rute Sousa do Nascimento	
Anna Walléria Borges de Araújo	
Iago Costa de Oliveira	
Marcílio Macêdo Vieira	
Miguel Antonio Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.7812009094	
CAPÍTULO 5	52
MARCOS REGULATÓRIOS DA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO NO BRASIL	
Mirian Rocha de Almeida	
Luís Alberto Lourenço de Matos	
DOI 10.22533/at.ed.7812009095	
CAPÍTULO 6	78
APRENDIZAJE COMPLEJO MEDIADO POR TIC PARA ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS VENEZOLANOS	
Hebert Elias Lobo Sosa	
Ana Carolina Pacheco Millán	
Jesús Ramón Briceño Barrios	
Manuel Antonio Villarreal Uzcátegui	
DOI 10.22533/at.ed.7812009096	

CAPÍTULO 7	97
O CAP-UERJ E AS IMPRESSÕES VISUAIS NO ENSINO DE ARTE	
Christiane de Faria Pereira Arcuri	
DOI 10.22533/at.ed.7812009097	
CAPÍTULO 8	109
CONHECER PARA ATUAR, ATUAR PARA CONHECER: PELOS INDÍCIOS DE UMA CIÊNCIA SOCIAL POPULAR E MOBILIZADA	
William Bueno Rebouças	
DOI 10.22533/at.ed.7812009098	
CAPÍTULO 9	128
REZADEIRAS, ERVEIRAS E PARTEIRAS DO CARIRI: TECENDO PRÁTICAS DE CURA-NAScer NA AMÉRICA LATINA	
Nayara de Lima Monteiro	
Luciana Patrícia Zucco	
DOI 10.22533/at.ed.7812009099	
CAPÍTULO 10	144
(DES)SUBALTERNIZAR O “BRASILEIRO NATIVO” NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE DOS CURRAIS: CRÍTICA AO EUROCENTRISMO A PARTIR DA PERSPECTIVA DECOLONIAL	
Paulo Robério Ferreira Silva	
João Batista de Almeida Costa	
DOI 10.22533/at.ed.78120090910	
CAPÍTULO 11	158
MISS GAY – CONSTRUINDO IMAGINÁRIOS SOBRE A CIDADE DE JUIZ DE FORA-MG	
Muryllo Rhafael Lorensoni	
Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca Voltolini	
José Serafim Bertoloto	
Maria Regiane Silva Lopes Barrozo	
Sílvia Mara Davies	
DOI 10.22533/at.ed.78120090911	
CAPÍTULO 12	163
GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: A INTERSECÇÃO TEORIA-PRÁTICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA	
Ketlenn Franciellen Oliveira de Lima	
Maysa Araújo Rodrigues	
Monique Kelly dos Santos Nascimento	
Maria Cinéria dos Santos Viana	
Mairianne Pereira de Moraes	
Cristiane Maria Alves Martins	
DOI 10.22533/at.ed.78120090912	

CAPÍTULO 13..... 173

IMPLICAÇÕES DO PRECONCEITO E HOMOFOBIA CONTRA POPULAÇÃO LGBT+ NO BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Tamires Alves Dias
Josefa Iara Alves Bezerra
Stéffane Costa Mendes
Caroline da Silva Souza
Daiana de Freitas Pinheiro
Mariana Cordeiro da Silva
Milena Silva Ferreira
Teodoro Marcelino da Silva
Andreza Vitor da Silva
Antonio Wellington Vieira Mendes
Kadson Araujo da Silva
Samara Calixto Gomes

DOI 10.22533/at.ed.78120090913

CAPÍTULO 14..... 179

O ENCONTRO DE HOMOSSEXUAIS MILITANTES (1979) E AS BANDEIRAS DA PRIMEIRA ONDA DO MOVIMENTO LGBTI+ NO BRASIL

Rhanielly Pereira do Nascimento Pinto
Eliane Martins de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.78120090914

CAPÍTULO 15..... 193

FASCISMO E COMUNISMO NO BRASIL DE 2018: O EMPREGO DE CONCEITOS EXTREMOS NO PAPEL DA LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO POLÍTICO

Vinicius Ribeiro Sampaio
Felipe Sampaio de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.78120090915

CAPÍTULO 16..... 200

A NOVA ROUPAGEM DO MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

Beatriz Leal de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.78120090916

CAPÍTULO 17..... 213

DEPRESSÃO, RESILIÊNCIA E ESTRATÉGIAS DE SELEÇÃO, OTIMIZAÇÃO E COMPENSAÇÃO: UM ESTUDO COM IDOSOS DO MUNICÍPIO DE IVOTI/RS

Camila Koren Chiappini
Anna Regina Grings Barcelos
Andrea Varisco Dani
Raquel Maria Rossi Wosiack
Martina Dillenburg Scur
Geraldine Alves dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.78120090917

CAPÍTULO 18.....	222
AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE ANTIOXIDANTE E FENÓIS TOTAIS EM CERVEJAS ARTESANAIS COMERCIALIZADAS EM SOBRAL-CE	
Murilo Sérgio da Silva Julião	
Letícia Kelly Mesquita Rodrigues	
Lúcia Betânia da Silva Andrade	
Hélcio Silva Santos	
Alexandre Magno Rodrigues Teixeira	
Leopoldo Gondim Neto	
DOI 10.22533/at.ed.78120090918	
CAPÍTULO 19.....	237
O TURISMO NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O MUNICÍPIO DE ROSÁRIO DO SUL	
Janderlei Velasque Dal Osto	
Lucas Mauricio Willecker dos Santos	
Bruno Ribeiro de Oliveira	
Rafael Dezordi	
DOI 10.22533/at.ed.78120090919	
CAPÍTULO 20.....	249
DIREITO PENAL DO INIMIGO NO ÂMBITO DA PRISÃO PREVENTIVA	
Carlos Eduardo Monteiro de Paiva	
Alexandre Pinto Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.78120090920	
CAPÍTULO 21.....	258
DISCURSOS VISUAIS QUE O GRAFITE REVELA NA/DA CULTURA CONTEMPORÂNEA	
Maria Regiane Silva Lopes Barrozo	
José Serafim Bertoloto	
Muryllo Rhafael Lorensoni	
Sílvia Mara Davies	
DOI 10.22533/at.ed.78120090921	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	276
ÍNDICE REMISSIVO.....	277

CAPÍTULO 10

(DES)SUBALTERNIZAR O “BRASILEIRO NATIVO” NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE DOS CURRAIS: CRÍTICA AO EUROCENTRISMO A PARTIR DA PERSPECTIVA DECOLONIAL

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 26/06/2020

Paulo Robério Ferreira Silva

Universidades Estadual de Montes Claros
(UNIMONTES)

<https://orcid.org/0000-0001-9045-7781>

João Batista de Almeida Costa

Universidades Estadual de Montes Claros
(UNIMONTES)

<https://orcid.org/0000-0001-5642-1398>

O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, entidade do Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

RESUMO: Considerando-se a Análise Crítica do Discurso e o “campo” da decolonialidade, neste estudo discute-se uma possibilidade de se colocar sob rasura a condição de subalternidade imputada às sociedades nativas durante o período colonizador, bem como reivindicar um lugar de protagonismo desses grupos na formação da sociedade brasileira naquele período. Tomou-se como referência a formação da Sociedade dos Currais localizada no Vale do curso médio do Rio São Francisco, dado a sua importância no processo de interiorização da colônia entre a segunda metade do século XVII e as primeiras décadas do século XVIII. O diálogo entre texto, contexto e discurso, numa perspectiva histórica, mostrou-se significativamente profícuo.

PALAVRAS-CHAVE: Brasileiro nativo, Conquista, Análise Crítica do Discurso, Decolonialidade.

(DE) SUBALTERNIZING THE “NATIVE BRAZILIAN” IN THE FORMATION OF THE SOCIETY OF CURRAIS: CRITICISM TO EUROCENTRISM FROM THE DECOLONIAL PERSPECTIVE

ABSTRACT: Considering the Critical Discourse Analysis and the “field” of decoloniality, this study discusses the possibility of undermining the condition of subordination imputed to native societies during the colonizing period, as well as claiming a leading role for these groups in the formation of Brazilian society at that time. It was taken as reference the formation of the Corral Society located in the valley of the middle course of the São Francisco River, given its importance in the process of interiorization of the colony between the second half of the seventeenth century and the first decades of the eighteenth century. The dialogue between text, context and discourse, from a historical perspective, proved to be significantly fruitful.

KEYWORDS: Native Brazilian, Conquest, Critical Discourse Analysis, Decoloniality.

INTRODUÇÃO

Ainda seria recorrente em nossos dias a dificuldade em se compreender a importância das populações nativas nos processos de formação da sociedade brasileira. O entendimento de que nativos, africanos e europeus formam a base

desta sociedade não seria suficiente para revelar as nuances desta formação e transformações. No curso médio do Rio São Francisco, entre fins do século XVII e início do XVIII, ocorreu um processo colonizador em que entraram em contato as sociedades nativas, existentes ali há cerca de 12.000 anos, os colonizadores luso-brasileiros, nativos transplantados, africanos e seus descendentes e o mestiço brasileiro. Tal movimento resultou na instituição do que tem sido chamado de *Sociedade dos Currais*, em alusão ao *Rio dos Currais*, como referido em uma carta de 1700 (DERBY, 1901).

Neste estudo, pretende-se tanto fazer a crítica a essa condição de subalternidade imputada às sociedades nativas, como reivindicar um lugar de protagonismo desses nativos na formação da sociedade brasileira.

Tomando este incômodo – a subalternização das sociedades nativas – como referência, manifestaram-se duas necessidades imediatas: primeiro, identificar certos aspectos significativos das sociedades nativas que participaram do processo de formação da *Sociedade dos Currais*. Neste sentido, os principais objetivos foram: caracterizar estas sociedades por meio das transformações tecnológicas ocorridas nos últimos milênios, considerando que elas indicariam aspectos relevantes das suas formas de organização social; bem como identificar alguns dos principais momentos do contato destes nativos com os colonizadores, visando mostrar que teriam sido processos complexos dados, entre outras coisas, ao número expressivo destas sociedades naquele território. Segundo, identificar e criticar discursos e as suas manifestações que indicavam este “lugar de inferioridade” dos nativos nos processos de institucionalização desta sociedade. Ao se pretender identificar certos aspectos da *hegemonia do discurso colonizador*, foi localizada a centralidade do discurso de “conquista”. Esse teria emergido na ocupação colonial europeia neste continente e também teria sido apropriado no avanço colonizador em direção ao interior do Brasil, ocorrido em maior evidência a partir da segunda metade do século XVII. Como fenômeno, foi interpretado e reproduzido por intelectuais e pesquisadores que trataram do tema desde a primeira metade do século XVIII. Embora alguns autores indiquem a importância e o protagonismo dos povos nativos nos processos de formação da sociedade brasileira, tem sido predominante, inclusive ainda em nossos dias, a leitura deste “contato” entre nativos e outros povos subjugados e o colonizador pelo viés de conquista.

Tomando, enfim, o discurso de *conquista* e suas variações como um dos principais substratos das narrativas e análises da ocupação colonial do Vale do curso médio do Rio São Francisco, buscou-se fazer *crítica ao eurocentrismo na perspectiva da decolonialidade*. Por meio deste promissor campo de investigação, evidenciou-se questionar se seria ou não possível “superar” estes discursos de conquista, bem como trazer à baila a própria natureza do eurocentrismo a ele

vinculado. Nesta direção, as contribuições da *Análise Crítica do Discurso*, como propostas por van Dijk (1997, 2003) foram significativamente profícuas.

Por meio de um banco de dados organizado a partir de documentos referentes ao tema, foi possível confeccionar tabelas que subsidiaram as análises e inferências. Levou-se em consideração primeiramente a motivação da questão social (DIJK, 2003), ou seja “dessubalternizar” os brasileiros nativos(ancestrais) nestes processos de formação da sociedade brasileira. Considerando a relação texto/contexto/discurso, buscou-se o diálogo entre os documentos e os aspectos históricos daquela realidade, bem como os discursos ali presentes. Foi possível, então, mais bem situar alguns destes discursos historicamente, bem como tensionar as perspectivas destes brasileiros ancestrais, do colonizador luso-brasileiro e dos demais atores sociais que participaram da formação da *Sociedade dos Currais*.

AS SOCIEDADES NATIVAS NO VALE DO CURSO MÉDIO DO RIO OPARÁ (SÃO FRANCISCO) E OS COLONIZADORES

A segunda metade do século XVII teria sido marcada por um vigoroso caldeamento de indivíduos e sociedades no Vale do curso médio do Rio São Francisco. Os movimentos de expansão da colonização que tinham esse rio como o principal eixo partia de, pelo menos, três importantes polos: Bahia, Pernambuco e São Paulo. No intervalo entre os rios Verde e Carinhanha ao Norte e o Rio das Velhas ao Sul, esse processo colonizador teria entrado em “contato” com diferentes sociedades nativas ali existentes.

Pesquisas arqueológicas sobre estes *brasileiros ancestrais*, que habitaram o vasto território entre o Vale do Peruaçu, o Complexo Montalvânia e os rios Carinhanha e São Francisco, têm revelado certos aspectos destas sociedades. De uma condição de caçadores e coletores vão introduzindo, entre 4.000 e 3.000 anos AP¹, o cultivo de plantas domésticas (PROUS, 2006). Entre 2.500 e 1.200 anos AP teria havido uma intensificação das atividades agrícolas, quando se evidenciou uma quantidade maior de alimentos cultivados. Ao se analisar, por exemplo, como faziam o armazenamento destes alimentos, também foi possível perceber como outras tecnologias iam sendo criadas e transformadas por estes sujeitos sócio-históricos (PROUS, 2006).

Em se tratando de tecnologias, como também mostra Prous (2006), os últimos 2000 anos foram marcados por importantes transformações, com destaque, além da horticultura, para a emergência da cerâmica, as mudanças na indústria lítica e o manejo com objetos de madeira, cipó, palha e outras substâncias. A diversidade e a complexidade das técnicas e instrumentos resultariam das demandas, necessidades e criatividade próprias das relações dos homens entre si e destes com a natureza.

¹ Antes do Presente.

Em certos trechos do Vale do Rio São Francisco, ou mais especificamente no Vale do Rio Peruaçu e no Complexo Montalvânia², foram localizadas em cavernas e em sítios a céu aberto expressiva quantidade de vestígios deixados por estes brasileiros ancestrais. Estas populações utilizavam estes espaços primordialmente para atividades específicas, como os armazenamentos de alimento e cerimônias fúnebres, entre outras, e não haveria, no entanto, evidências de que fizessem ali suas moradas. Na Lapa do Boquete no Vale do Rio Peruaçu, por exemplo, foram localizados armazenamentos de alimento recobertos em cinzas que datariam, os mais antigos, de cerca de 1.200 anos AP. O uso dessa tecnologia visava, entre outras coisas, a conservação de alimentos por mais tempo, evitar a ação de roedores, bem como prevenir a infestação de insetos (PROUS, 2006).

Já os registros pictóricos deixados nestes locais informam uma complexidade de representações que ligavam a realidade vivida ao imaginário daqueles brasileiros ancestrais. São figuras, manifestadas em diferentes *tradições*³, que indicam, portanto, períodos distintos, datados os mais antigos entre 9.000 e 7.000 anos AP e que representam objetos como armas: dardos e propulsores; maracás; redes; vegetais, a exemplo de coqueiros e pés de milho; animais quadrúpedes, como tamanduás e lagartos; e pernaltas, como emas; peixes; aranhas. Haveria também representações de sóis e estrelas mediados por aves; bem como figuras humanas em, por exemplo, cenas de sexo, pessoas enfileiradas e formação de grupos familiares. Há registro, na Lapa do Malhador no Vale do Peruaçu, de uma pessoa pendurada em uma corda no tronco de uma palmeira. (PROUS, 2006).

Os primeiros contatos registrados desses nativos com os colonizadores nessa região se deram em 1554 com a presença da expedição de Francisco Bruza de Espinosa, composta por 12 outros europeus, algumas dezenas de nativos e o padre João de Aspilcueta⁴ Navarro. Tal expedição⁵ partiu de Porto Seguro em 13 de junho de 1553. Cerca de treze meses depois alcançara o Rio Opará⁶, como era denominado, em língua tupi-guarani, o Rio São Francisco. Teriam chegado às suas margens em local não definido, porém acima da foz do Rio Mangai⁷, como informa o padre Aspilcueta (*apud* ABREU, 1988).

A carta de Aspilcueta revela algumas importantes informações destas

2 Conjunto de cavernas localizadas entre os municípios de Montalvânia, Juvenília e algumas no município de Manga, ambos localizados em Minas Gerais.

3 Na Arqueologia, as *tradições* se referem à classificação dos sítios arqueológicos encontrados conforme a distinção de técnicas para a confecção de artefatos diversos, sobretudo, cerâmicos e líticos. Os vestígios da fase mais recente (ou pré-colonial) seriam da tradição *Una* e, em menor quantidade, da tradição *tupi-guarani*.

4 Também se encontram registros com a grafia: Azpilcueta.

5 É importante salientar que outras importantes expedições foram realizadas entre os séculos XVI e XVII e que algumas delas alcançaram terras que viriam ser o Norte de Minas, a exemplo das de Sebastião Fernandes Tourinho, realizada em 1572, e a de Antônio Dias Adorno, em 1576.

6 O rio-mar. Também se encontra a grafia "Pará".

7 Localizado entre os atuais municípios de Pedras de Maria da Cruz e São Francisco, em Minas Gerais.

populações nativas, denominadas de tapuias⁸. A redução da diversidade de sociedades humanas nativas a tal termo teria sido significativamente danosa para mais bem compreendê-las. No entanto, faz-se mister assinalar ainda que, além destas populações autóctones, é preciso considerar a presença de outros grupos que possivelmente se fixaram na região dado aos movimentos migratórios. Exemplo disso foram os *tupi-guarani*, que teriam chegado à região entre cerca de 600/500 anos AP. Em todo caso, os *tapuias* – originários ou não do Vale do Rio Opará –, como mostrado pelo próprio Aspilcueta em sua referida carta, constituíam a parcela mais expressiva de nativos neste território.

Após esses primeiros contatos, a presença do colonizador luso-brasileiro, bem como daqueles arregimentados por eles, no Vale do curso médio do Rio São Francisco passa a ser mais frequente a partir do início do século XVII. O paulista André Leão teria chegado às nascentes do Rio São Francisco em 1601. Com o malogro da expedição de André Leão, em 1602 foi enviada outra bandeira ao Sertão do território que, no século seguinte, seria a Capitania de Minas Gerais. Desta feita, Nicolau Barreto teria chegado ao Rio das Velhas e depois de cinco meses ao Rio Paracatu. Tais bandeiras tinham propósitos bem definidos: investigar a existência de reservas minerais, orientando-se, inclusive, pela lenda da serra de Sabarabuçu (*Sabaroason*), bem como promover o apresamento de nativos (TAUNAY, 1924).

Em fins daquele mesmo século, outro movimento colonizador, este realizado, sobretudo, por baianos e paulistas, vai lançar os fundamentos daquilo que viria a ser chamado de *Sociedade dos Currais*. O padre Paulino Pestana e Souza, que fora pároco da freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Arraial de Matias Cardoso, disse ter ouvido do próprio Matias Cardoso de Almeida, em 1700, como este fez guerra contra os anaió (*Ua Nay*), contanto com o apoio de Marcelino Coelho (Bittecourt?), ambos contratados por Antônio Guedes de Brito: “[...] por ordem do dito mestre-de-campo [Guedes de Brito] e [com ?] Marcelino Coelho desinfestar os ditos sertões de gentio bravo ao qual se chama ‘Ua Nay’, por cuja regência lhe dera o dito mestre-de-campo um grande prêmio a fim de pagar os gastos para a dita conquista, e no mesmo descobrimento continuara o coronel Antônio da Silva Pimentel” (CARRARA, 2007, p. 588). Em 1689, cerca de 100 famílias paulistas⁹ se fixariam neste vasto território, ou seja, no Vale do curso médio do Rio São Francisco, dando início à povoação colonizadora com população sedentária¹⁰.

8 O termo *tapuia*, de origem tupi, refere-se, grosso modo, àqueles que não falam a língua *tupi-guarani*. Seu sentido variou sempre em oposição a estas sociedades e aos seus modos de vida. No mais das vezes se constituiu de forma negativa, indicando estados inferiores tanto aos próprios tupis, como aos colonizadores luso-brasileiros. Cardim (1980) identificou, inclusive, uma distinção expressiva entre os grupos tapuias do Vale do Rio São Francisco, segundo ele menos hostis aos colonizadores, e outros do Sertão, severos inimigos destes colonizadores.

9 Informações sobre as minas do Brasil (1705). Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v. 57, p. 172, 1935.

10 Faz-se necessário destacar que, no período além deste tipo de povoamento com população sedentária, era

A partir daí aconteceu um vigoroso processo de institucionalização daquela sociedade colonizadora. Teria sido ela constituída por diferentes segmentos étnico-sociais que se manifestavam na sociedade brasileira naquele período, como já indicado. Em meados da década de 1730, com o fim dos *Motins do Sertão*¹¹, Maria da Cruz, então acusada de ser uma das principais líderes deste movimento sedicioso, revela, por meio de um documento, o sentido de pertencimento dos potentados¹² àquela região, ou seja, à *Sociedade dos Currais*. Afirmava ela que “[...] por si e seus antepassados descobriram estes sertões e os povoaram à custa de seu sangue e fazendas conquistando dele o gentio bravo”, tudo isto a “[...] perca de muitas vidas há mais de quarenta anos, povoando as ditas terras com fazendas de gado”¹³.

A HEGEMONIA DO DISCURSO COLONIZADOR

Sobre a presença do colonizador luso-brasileiro no Vale do Rio São Francisco, têm sido produzidas, desde aquele período, várias narrativas. Em sua expressiva maioria, assentam-se no discurso de vitória do colonizador frente às sociedades nativas. Em direção contrária, ou seja, visando enfatizar a fundamental contribuição desta população nativa para a constituição da sociedade brasileira, os trabalhos ainda são em quantidade menor, porém expressivamente significativos. Apenas a título de se exemplificar, Capistrano de Abreu (2000) teria sido um dos primeiros pesquisadores brasileiros a ressaltar a importância de se entender a formação da sociedade brasileira por meio de seus aspectos regionais, o que incluiria, necessariamente, destacar a importância das populações nativas nestes processos. Para ele, do “encontro” entre estes nativos e o colonizador europeu surgiu o mestiço brasileiro, o tipo que nos caracteriza predominantemente. O Sertão, especificamente, teria sido, portanto, território dos mamelucos.

Manoel Bonfim (1997), na mesma seara, destaca a importância da população nativa na formação da sociedade brasileira ao ressaltar que a nação brasileira nasceu de uma espécie de “boa luta” entre esses nativos e os estrangeiros. Ela teria resultado no enraizamento na terra, bem como constituído o patriotismo. O caráter brasileiro estaria exatamente ali, como produto do encontro entre esses nativos e

comum a instalação de acampamentos militares e de exploração. Estes, no entanto, não possuíam população fixa, sendo ocupados provisoriamente, conforme cada demanda específica.

11 Foram cinco eventos sediciosos contra a autoridade colonial ocorrido em 1736 no território que viria a ser o Norte de Minas em Minas Gerais.

12 Conforme Botelho e Reis (2008), o potentado era grande proprietário de terras, constituindo a partir daí a sua condição de homem (mulher) poderoso e, sobretudo nos Sertões, agia de forma praticamente autônoma, escapando, em grande medida, do controle da Coroa lusitana.

13 Requerimento dos moradores do sertão do São Francisco ao general Gomes Freire, redigido e registrado pelo tabelião do distrito de São Romão Alexandre de Castro Roiz, tendo como juiz ordinário Francisco Soares Ferreira em 6 de julho de 1736. ANTT. Mss. do Brasil, liv. 10, fl. 38-39.

o colonizador. Para Bonfim (2013), a presença dos africanos neste processo só ocorreria efetivamente a partir de meados do século XVII.

Recentemente, John Monteiro investiu vigoroso esforço com o intuito de criticar os limites impostos pelo sentido genérico de “índio”, assimilado como resultado da desagregação sócio-cultural provocada pela violência da colonização. Em outra direção, propôs a apreensão destes sujeitos em suas dinâmicas sócio-históricas como agentes de transformação, inseridos em suas realidades na tensão entre as tradições e as demandas emergentes (MONTEIRO, 2001). A crítica feita por Monteiro (2001) reverbera, inclusive, na própria produção intelectual predominante que “reduziu”, grosso modo, o nativo brasileiro ao papel coadjuvante nos processos de formação da sociedade brasileira, no mais das vezes exposto ao extermínio e à expulsão de seus territórios.

Por outro lado, a recorrência do discurso de “conquista” remonta à própria empresa colonizadora lusitana que se efetivara no Brasil ainda na primeira metade do século XVI. Assimilava-se o “conquistador” ao “descobridor”, como observa Weffort (2012). Semanticamente, “conquista” vai indicar a partir daí os diferentes processos de ocupação colonial que, no mais das vezes, emergem das tensões entre estes movimentos, que não tardariam a ganhar feições luso-brasileiras com uma expressiva quantidade de mamelucos (WEFFORT, 2012) e as populações nativas.

Em relação ao Vale do curso médio do Rio São Francisco, as primeiras referências a essas “conquistas” foram feitas pelo baiano Sebastião da Rocha Pitta em uma obra – *História da América Portuguesa* – concluída em 1724 e tornada pública em 1730. Algumas décadas depois, o tema também aparece na obra de Pedro Taques Paes Leme¹⁴, *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Geográfica*. Nela, o militar e historiador paulista, ao se referir às famílias do Planalto de Piratininga que povoaram o Sertão dos Currais do Rio São Francisco, enfatiza a “conquista” como condição primária daquele fenômeno. Destaca, neste sentido, a própria experiência daqueles bandeirantes neste tipo de empreendimento, como fica claro ao enfatizar esse detalhe na carta patente recebida por Matias Cardoso de Almeida para acompanhar Fernão Dias Pais pelos Sertões do território que viria a ser Minas Geais. Em relação a Matias Cardoso, informa ter ele “[...] grande experiência daquele sertão, e gentios dele, onde havia feito jornadas de importância, nas quais procedera com muito valor e boa disposição na conquista do gentio que tinha domado, ficando com ele poderoso para ter de encontro a outro qualquer que queria impedir a dita jornada, etc. (Arquivo da Câmara de São Paulo, livro de registro nº 4, título 1.664, p. 99 *apud* PAES LEME, 1980, p. 198).

Ao se verificar algumas obras que se tornaram referência quanto à abordagem

14 Ver Blake (1902).

da relação entre o colonizador e os nativos, além de outros povos por eles subjugados, bem como as que tratam da ocupação do Vale do curso médio do Rio São Francisco, a exemplo de Magalhães (1935), Vasconcellos (1944), Vasconcelos (1999), Vianna (1935), Taunay (1936), entre outras, vê-se a reprodução do discurso de *conquista* como substrato daqueles processos colonizadores. Em linhas gerais, os indivíduos destas sociedades nativas são associados a conceitos pejorativos, como: selvagens (em oposição ao “civilizado”), bárbaros, indóceis, rebeldes à catequese e à paz, ameaças à ocupação colonial, não tementes a Deus, sem leis e costumes, insubordinados, malfeitores etc. Vasconcelos (1999), por exemplo, atribui o estado de violência no Sertão, recorrente, segundo ele, no período colonial, à associação entre estes nativos e o que ele chamou de malfeitores: facinorosos brancos, negros e mestiços. “Adaptando-se facilmente ao meio selvagino, estes homens traziam para os íncolas ideias novas, e o tirocínio de coisas úteis, pelo que eram recebidos de braços abertos. Encontrando, pois, nas aldeias e tribos a força de que careciam, tornavam-se os mais perigosos inimigos da zona colonizada” (VASCONCELOS, 1999, p. 16-17).

Em produções acadêmicas recentes¹⁵, o tema “conquista”, em sua profusão semântica e variações, continuaria a subsidiar predominantemente o entendimento das relações entre colonizadores e nativos nos processos de formação da sociedade brasileira. Sem a pretensão de uma discussão pormenorizada, foi possível, no entanto, por meio destes dois eixos norteadores – a presença de população nativa na formação da Sociedade dos Currais e a identificação do discurso de *conquista* como substrato das narrativas que fazem referência ao processo colonizador em tela –, questionar o violento processo de subalternização que foi imposto aos povos subjugados pelo colonizador, sobretudo aos povos nativos, senhores, até então, daquelas plagas.

CRÍTICA AO EUROCENTRISMO NA PERSPECTIVA DA DECOLONIALIDADE

Considerando, pois, que o que foi até então apresentado apontou, por um lado, para a recorrência do discurso de *conquista* como a hegemonização, em grande medida, dos interesses do colonizador em face da população subjugada e subalternizada e, por outro, que tanto este discurso como a realização do processo colonizador estavam diretamente relacionados ao estabelecimento do poder lusitano no Brasil, caberia levantar, ao menos, duas questões: primeira, seria possível “superar” o discurso de conquista quando se refere ao processo colonizador luso-brasileiro? Segunda, haveria “eurocentrismo” em tal discurso?

15 Ver, por exemplo: Santos (2017), Oliveira (1998), Carneiro (2013), Santos (2013).

Superar o discurso de conquista, aos moldes do que foi sumariamente apresentado, significaria, neste caso, não reduzir os complexos processos de contato, interação, disputa, rejeição, resistência etc. entre as populações nativas e outras e o colonizador luso-brasileiro à percepção até então hegemônica, porém primária, de que houve o domínio automático do colonizador sobre estes povos. Nesta direção, van Dijk (1999, 1997) contribui, sobremaneira, para mais bem dimensionar esta possibilidade. Ao discutir a relação entre contexto e discurso, van Dijk (1997, p 110) aponta para a necessidade de se considerar esta relação a partir do entendimento de que “[...] a estrutura do contexto social [...] será vista na estrutura do discurso e que, reciprocamente, a estrutura do discurso será vista no contexto social”. Neste sentido, lançar luzes sobre a presença e importância das populações nativas e outras que foram subjugadas no processo de formação da *Sociedade dos Currais* significaria alterar as próprias percepções e interpretações dos contextos, possibilitando a emergência de outros discursos que, simbioticamente, alimentariam as possibilidades efetivas de se identificar aspectos destas relações até então não contempladas.

Se, ainda como assinala van Dijk (1997, p. 113), “[...] o discurso não pode e não deve ser estudado separadamente de seus vários tipos de contexto”, considerando ainda que o contexto não remete ao real em si, mas às abstrações que suportam as relações comunicativas entre os sujeitos (VAN DIJK, 1997), faz-se mister atentar para a produção destes discursos. Ainda segundo este autor, “pouco se pode entender das diferentes propriedades ‘internas’ do discurso nos níveis semântico, pragmático e estratégico, se ignorarmos o papel das condições, as funções, os efeitos e as circunstâncias da produção e da compreensão do discurso” (VAN DIJK, 1997, p. 113). Desse modo, pode-se ter que, para lidar com os discursos, requer-se a condição primária de capacidade de realização da crítica. A linha tênue entre a reprodução do discurso e a necessidade iminente de superar aqueles que provocam a opressão, o sofrimento e a dor é, por demais, evidente. Criticar, neste caso, seria elementarmente apreender os efeitos destes discursos no jogo vivo das relações imediatas, identificar suas produções e manifestar força suficiente para constituir novos campos de disputas a partir de novas categorias e conceitos.

Considerando, pois, que o objetivo desse estudo não foi aprofundar a discussão sobre as possibilidades de “(des)subalternizar” esses brasileiros ancestrais nos processos de formação e institucionalização da sociedade brasileira, mas, antes, indicar que investimentos desta natureza são efetivamente possíveis, pode-se tomar ainda de van Dijk (2003) o princípio de que *Análises Críticas do Discurso* (ACD) caracterizam-se, sobremaneira, por atitudes motivadas por questões sociais. Neste caso, a opção seria por um posicionamento contra os abusos de poder que violentam os indivíduos e grupos dominados. Na condição de uma perspectiva crítica

que lida com a realização do saber, a ACD, ao ser centrada nos problemas sociais, considera preferencialmente as experiências e também as opiniões daqueles que foram empurrados para as franjas do poder. É, exatamente, contra a produção e reprodução da desigualdade, da dor e da opressão que a ACD se manifesta. Ainda conforme van Dijk (2003), dado esta opção e mediante o recorrente questionamento de enviesamento em favor dos mais frágeis, as teorias e as análises da ACD devem ser “elegantes” e também “sofisticadas”, sem, no entanto, descuidar de estarem empiricamente fundadas. Por último, a grande prova seria, ainda segundo esse autor, além da relevância, funcionar.

Quanto à segunda questão – se haveria eurocentrismo no discurso de *conquista* –, pode-se responder afirmativamente. Em sua essência, o discurso de conquista que emerge dos processos colonizadores se manifestaria na perspectiva da *colonialidade*. Conforme Quijano (2010), este movimento teria sido engendrado pelo capitalismo simultaneamente à emergência da modernidade. Historicamente, inicia-se com a colonização da América em 1492. “Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões materiais e subjetivos, da existência cotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir da América” (QUIJANO, 2010, p. 84).

Para mais bem localizar a *colonialidade* como substrato que provoca e sustenta as ideias de *conquista*, seria preciso considerar ainda que existem distinções evidentes entre esta e o *colonialismo*. Este, ainda conforme Quijano (2010), refere-se às estruturas de dominação/exploração, nas quais o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada, além do território localizado em outra jurisdição, é exercido por outro grupo social. Colonialidade, por sua vez, emerge do colonialismo, porém seus efeitos são mais profundos e duradouros, considerando que interfere e oblitera radicalmente o universo simbólico e material daqueles povos subjugados.

Ainda sobre o eurocentrismo¹⁶, Quijano (2010) informa que tanto é inerente aos próprios europeus quanto aos “educados” por eles. No entanto, não é o etnocentrismo que explica o eurocentrismo, e sim uma perspectiva cognitiva de longa duração de apreensão do mundo eurocentrado, em que este padrão de poder se naturaliza nas experiências dos indivíduos de tal forma e intensidade que dificulta, inclusive, o questionamento. Um desdobramento possível dessa reflexão, na perspectiva do que se pretende neste estudo, seria atentar, pois, para as nuances da consubstanciação da *Sociedade dos Currais*, considerando que esta teria sido resultado de um jogo de interesses de que participavam a rede de potentados ali estabelecida, a Coroa portuguesa por meio do Estado colonial, bem como outras forças colonizadoras, a

¹⁶ Sobre sua construção histórica e natureza, ver Dussel (2005).

exemplo das ordens religiosas e, ainda e não menos evidentes, os interesses dos subjugados e subalternizados que tensionariam, sobremaneira, a institucionalização daquela sociedade. A realidade que ali se forjou entre fins do século XVII e início do XVIII não teria sido apenas de conformação dos processos colonizadores encetados pelo uso da força e pelos investimentos de submissão promovidos pelo colonizador, quando se manifestava em grande medida o mundo “eurocentrado”, mas teria nas estratégias de resistência e na iminente necessidade do uso dos saberes tradicionais, em sentido amplo, um fundamental contributo à conformação daquela nova sociedade. Tratou-se, enfim, de uma experiência que caracteriza, em grande medida, o caldeamento típico da formação da sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi criticar a condição de subalternidade imputada às sociedades nativas e reivindicar um lugar de protagonismo destas na formação da sociedade brasileira. Duas questões se mostraram, de início, evidentes: a primeira se refere ao reconhecimento destas sociedades nativas nos processos de formação da sociedade brasileira. A vasta produção científica produzida sobre o tema, no mais das vezes, teria “negligenciado”, até então, a sua importância em favor da ideia de que o elo da sociedade brasileira que surge no século XVI com o período pré-cabralino não seria necessariamente relevante para entender a formação desta sociedade. Tornou-se predominante o estabelecimento da relação dos processos colonizadores no Brasil com a história dos portugueses. Neste sentido, considerou-se a necessidade, como feito na primeira seção desta investigação, de apresentar certos e significativos aspectos das sociedades nativas que tomaram o Vale do Rio Opará como seu *habitat*. Foram elas que entraram em contato com o colonizador e com as populações transplantadas e que teriam sido efetivamente o substrato da *Sociedade dos Currais*, embora a violência do processo colonizador tenha imputado a elas uma condição de subalternidade.

A segunda questão refere-se aos discursos que se tornaram hegemônicos a partir destes processos colonizadores. Tomou-se aqui, para exemplificar, a ideia central de “conquista”. Como foi discutido, o termo remete à própria ocupação colonial neste continente feita pelos europeus a partir do final do século XV. A mesma lógica de subjugamento das populações nativas e transplantadas da África, bem como de seus descendentes, teria se manifestado a partir da *Sociedade dos Currais* entre fins do século XVII e primeiras décadas do século XVIII. As ideias de conquista – considerando as suas variações – não estavam apenas impregnadas no cotidiano daquelas sociedades que se formavam, também ocuparam e ocupam um lugar de destaque nas narrativas e análises desses processos desde

o século XVIII. Importantes obras, como citadas anteriormente, valem-se destes sentidos de *conquista* para justificar a “hegemonia” da colonização luso-brasileira e, em consequência, a subalternização dos povos nativos e os demais que foram subjugados durante e após o período colonial.

Para mais bem lidar com estas intrincadas questões que envolvem as populações nativas nos processos de formação da sociedade brasileira e os seus posteriores desdobramentos, têm sido significativamente valiosas as contribuições do campo da decolonialidade. Trata-se, como mostra Escobar (2003), de um programa de investigação. Por meio do seu rico arcabouço teórico/metodológico tem sido possível, inclusive, justificar o esforço de “desconstrução” dos discursos colonizadores sustentados, sobremaneira, no eurocentrismo. Ao transitar entre o político e o epistemológico e entre o teórico e o prático (MALDONADO-TORRES, 2005), esta “proposta”, ao se apoiar na crítica à colonialidade/modernidade como constructos eurocêntricos (QUIJANO, 2013), traz à baila as possibilidades de construção de uma epistemologia sustentada na realidade histórica da América Latina em contraste a uma ciência que se forja a partir dos cânones eurocêntricos, como tem prevalecido (MIGNOLO, 2003). Tem-se, como se evidencia, um grande desafio pela frente. Pensar e entender a formação da sociedade brasileira a partir das populações nativas e das demais que foram subjugadas e subalternizadas nestes processos colonizadores que, em grande medida, perduram ainda em nossos dias, seguramente contribuiria para que os próprios atores desta história pudessem revelar aquilo que realmente somos como sociedade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano de. **Caminhos antigos e povoamentos do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

_____. **Capítulos de História Colonial**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Ca., 1837.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902.

BOMFIM, Manoel. **O Brasil na América**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

_____. **O Brasil nação**. Vol. II. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.

BOTELHO, Ângela Vianna; REIS, Liana Maria. **Dicionário Histórico Brasil: Colônia e Império**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CARNEIRO, Patrício Aureliano Silva. **Do sertão ao território das Minas e das Gerais:** entradas e bandeiras, política territorial e formação espacial no período colonial. Tese (Doutorado). Belo Horizonte: Instituto de Geociências. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2013.

DERBY, Orville Adalbert. **Os primeiros descobrimentos de ouro nos districtos Sabará e Caêthé.** Revista do Instituto Histórico e Geographico e Historico de São Paulo, São Paulo, v. 5, p. 279-295, 1901.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

ESCOBAR, Arturo. **“Mundos y conocimientos de otro modo”:** el programa de investigación modernidad/colonialidad latinoamericano. Tabula Rasa, n. 1, p. 58-86, 2003. Disponível em: <<http://www.revistatabularasa.org/numero-1/escobar.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

MALDONADO-TORRES. Sobre la colonialidad del ser: cotribuiciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GOMES, Santiago; GROSFOGUEL, Ramon (coords.). **El giro decolonial:** reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporaneos, Pontificia Universidade Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais / Projetos globais:** saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MONTEIRO, John Manuel. **Tupis, tapuias e historiadores:** estudos de história indígena e do indigenismo. Tese (Livre Docência). Campinas: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2001.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A conquista do espaço:** sertão e fronteira no pensamento brasileiro. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, Vol. V (suplemento), pp. 195-215, Julho 1998. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6648/LuciaLippi_MANGUINHOSv5s0.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 ago. 2019.

PAES LEME, Pedro Taques de Almeida. **Nobiliarquia paulistana histórica e genealógica.** Tomo II. 5ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

PROUS, André. **O Brasil antes dos brasileiros:** a pré-história de nosso país. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010.

MAGALHÃES, Basílio de. **Expansão Geographica do Brasil colonial.** 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

SANTOS, Márcio Roberto Alves dos. **Rios e fronteiras:** conquista e ocupação do Sertão Baiano. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 2017.

SANTOS, Raphael Freitas. **Minas com Bahia**: mercados e negócios em um circuito mercantil setecentista. Tese (Doutorado em História) Niterói, RJ: Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História. Universidade Federal Fluminense, 2013.

TAUNAY, Affonso de Escragno. **História geral das bandeiras paulistas**. Tomo I. São Paulo: Typ. Ideal – Heitor L. Canton, 1924.

_____. **História geral das bandeiras paulistas**. Tomo VII. São Paulo: Typ. Ideal – Heitor L. Canton, 1936.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Estructuras y funciones del discurso**: una introducción interdisciplinaria a la lingüística del texto y a los estudios del discurso. Madrid: Siglo XXI. 1997.

_____. La multidisciplinaridade del análisis crítico del discurso: un alegato en favor de la diversidad. In: WODAK, Ruth.; MEYER, Michael. **Métodos de análisis crítico del discurso**. Barcelona: Gedisa, 2003.

VASCONCELLOS, Salomão de. **Bandeirismo**. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, v. XV, 1944.

VASCONCELOS, Diogo de. **História Média das Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

VIANNA, Urbino. **Bandeiras e sertanistas bahianos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

WEFFORT, Francisco. **Espada, cobiça e fé**: as origens do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aperfeiçoamento 40, 45, 46, 72

Aprendizagem complexa 78, 79

B

Brasileiro nativo 144

C

Cariri Cearense 128, 129, 130, 133, 134, 139

Conquista 1, 5, 17, 144, 145, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 159, 174

D

Decolonialidade 128, 132, 133, 142, 144, 145, 151, 155

Diretrizes curriculares nacionais 52, 53, 56, 65, 66, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77

Diversidade de gênero 163, 166

Diversidade sexual 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 177

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 25, 26, 29, 30, 35, 40, 43, 45, 46, 48, 50, 51, 56, 57, 58, 62, 63, 65, 68, 71, 72, 75, 76, 78, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 118, 120, 121, 141, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 176, 200, 211, 220, 221, 239, 246, 276

Ensino de psicologia 52

Erveiras 128, 129, 131, 132, 134, 135, 140, 141

Escola 4, 9, 14, 19, 22, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 36, 38, 58, 75, 100, 102, 160, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 179, 192, 244, 257, 274, 275

Estudantes 4, 15, 22, 28, 30, 31, 38, 62, 71, 78, 79, 110, 114, 167

F

Formação 1, 3, 4, 5, 10, 11, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 97, 98, 100, 103, 105, 108, 114, 115, 130, 138, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 163, 169, 171, 186, 189, 194, 196, 204, 207, 210

Formação do psicólogo 52, 54, 57, 63, 72, 76, 77

H

Homofobia 168, 169, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 178

I

Identidade 1, 3, 4, 8, 9, 11, 12, 15, 16, 25, 26, 28, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 43, 68, 99, 103, 105, 126, 131, 133, 134, 176, 182, 183, 187, 188, 189, 191, 192, 210, 265

Identidade docente 1, 3, 4, 8, 9, 11, 12

Imaginário 28, 34, 35, 36, 38, 39, 147, 158, 159, 160, 161, 168, 195, 260, 261, 263, 264, 267, 271, 273, 275

Inclusão 15, 17, 40, 43, 47, 50, 51, 109, 111, 124, 166, 167, 175, 215

M

Modalidade à distância 1

N

Narrativas 28, 31, 34, 104, 108, 136, 140, 145, 149, 151, 154

P

Parteiras 128, 129, 131, 132, 134, 135, 137, 139, 140, 142

Pensamento complexo 79

Políticas 163, 166

População LGBTQ+ 173

Processo 1, 2, 3, 4, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 19, 20, 28, 35, 36, 37, 42, 48, 50, 53, 58, 62, 63, 64, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 77, 79, 97, 99, 102, 103, 104, 105, 112, 116, 117, 123, 128, 129, 131, 139, 140, 141, 144, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 154, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 180, 188, 191, 194, 195, 196, 197, 199, 201, 202, 203, 205, 214, 216, 217, 218, 219, 246, 249, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 262, 267

Psicologia 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 115, 178, 218, 220

R

Reconfiguração 1, 3, 4, 11, 101

Rezadeiras 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

S

Selfie 28, 29, 30, 32, 33, 34, 37, 38

T

TIC 2, 12, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96

Trabalho docente 1, 2, 3, 8, 10, 12, 13, 14

U

Universidade Venezuelana 79

Universitários 22, 78, 79, 100, 167

V

Violência 150, 151, 154, 169, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 197, 252, 253

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2020

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2020